
- **HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA II**

Coordenador(a): *Celciane Alves Vasconcelos*

A EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO BRASIL COLÔNIA NO PERÍODO DE 1549 A 1570

Sheila Regina Pinheiro Moisés Medeiros (PUC/RS), Viviane Lima de Oliveira (PUC-SP)

Este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo sobre a educação jesuítica circunscrita ao Brasil em seu período colonial, especificamente de 1549 a 1570. Deve-se considerar esse momento como aquele marcado pelo heroísmo e pela sagacidade dos missionários jesuítas que aqui estiveram, bem como pela violenta aculturação imposta aos silvícolas dessa terra. Nesse sentido, trataremos do surgimento das primeiras escolas na colônia e, também, da formação das primeiras bibliotecas. Este estudo se justifica em razão da necessidade do conhecimento de como o ensino de Língua Portuguesa começou a se instalar no Brasil a fim de possibilitar compreender, na contemporaneidade, seus resquícios e verificar, no processo histórico, as ideologias que perpassam as políticas de ensino da Língua Portuguesa. Os resultados obtidos apontam para compreender que os interesses do colonizador destas “terras” não eram somente culturais, mas, também, políticos e econômicos, afinal tinham o intuito de tornar esta “empresa” produtiva, cujo lucro deveria beneficiar somente o povo português.

AS IDÉIAS DE LEITURA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Vladimir Yrigoyen

Nosso trabalho tem como objetivo demonstrar o processo do ensino de leitura no início do século XX, no Brasil. Baseando-nos nas teorias de Swigers e Horoux, buscamos, em uma pesquisa efetuada no primeiro ginásio estadual da cidade de Taubaté, detectar as maneiras e os métodos de ensino, nessa época. O que pudemos apurar, na leitura dos diários de classe, pesquisa em biblioteca e artigos federais encontrados na citada escola, foi a demonstração clara que o ensino da leitura se pautava, antes de tudo, no ensino da gramática, ou seja, na normatização do bem falar e bem escrever.

ENTRE A CIÊNCIA E A VÃ FILOSOFIA: SERÕES GRAMÁTICAS (1890), DE ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO

Olga Ferreira Coelho (MACKENZIE)

De 1880 às primeiras décadas do século XX, desenvolve-se no Brasil a chamada Gramática Científica. Os textos que se produziram nesse período contrapuseram-se àqueles da chamada Gramática Filosófica, fase anterior, caracterizada como “metafísica”, “abstrata”, sobretudo pela ênfase conferida aos estudos semânticos. Para abandonar o apego aos princípios “lógicos” e voltar a tratar de “língua”, a geração científica propõe-se estudar os aspectos formais e funcionais, o que, no primeiro caso, levou a exageros taxionômicos. A obra de Ernesto Carneiro Ribeiro (1830-1920) é caso muito feliz para o estudo dessa transição, já que o autor fez parte das duas gerações, e defendeu, em momentos distintos, a concepção “filosófica” e a “científica” de gramática. A partir do prefácio e da seção de morfologia dos Serões gramaticais (1890), expõe-se o debate entre filosofia e ciência no final do século XIX. Defende-se que a obra encontra parâmetros de cientificidade no naturalismo, que permite conceber a língua como organismo natural, cuja evolução se dá ao longo da história, quase sempre destruindo a ordem observada em estágios anteriores. Ecos dessa concepção encontram-se nos conceitos de “erro” da gramática no século XX.

ESPECULAÇÕES GELIANAS, COMENTÁRIOS GRAMÁTICOS E TRADUÇÃO

Cleuza Cecato (UFPR)

Vou falar um pouco sobre o século II, um tempo que produziu Sêneca, Plínio - Velho, Quintiliano, Tácito, Suetônio, Lucano, Juvenal e Marcial. Refiro-me ao período pós-clássico, quando acontece uma vasta produção de comentários, notas e enciclopédias que nos permite conhecer trechos de determinados autores cujas obras não chegaram até nossos dias. Vou me ater ao trabalho de Aulo Gélcio, enciclopedista do século II, que escreveu a obra Noites Áticas, de conteúdo variado, mas que se deteve principalmente em especulações e esclarecimentos sobre a língua de seu tempo, a norma e seus desvios. Vou apresentar a tradução que sugeri para alguns trechos dessa obra e uma breve análise de conteúdo.

ESTUDOS DIACRÔNICOS E SINCRÔNICOS NO PARANÁ: PRIMEIROS PASSOS

Celciane Alves Vasconcelos (UEL)

O projeto Paraná: Estudos diacrônicos e sincrônicos - PEDES - tem como proposta organizar um banco de dados informatizado que possa subsidiar estudos voltados para a construção da história do Português brasileiro no Paraná. Para atingir esta meta, propõe-se: i) buscar fontes manuscritas, entre os séculos XVIII e XIX; ii) proceder às transcrições; iii) fazer edições semidiplomáticas.

cas; iv) investigar os aspectos lingüísticos e compará-los com dados do português atual; v) incorporar dados dos Atlas e vocabulários regionais e vi) dar continuidade ao levantamento de dados toponímicos do Paraná. Em seus primeiros passos, a equipe do PEDES está transcrevendo uma parte do acervo documental existente no Arquivo Público do Estado de São Paulo sobre os primeiros séculos da história do Paraná, no que diz respeito ao resgate histórico e cultural do homem e sua linguagem, focando seu interesse de modo especial na região litorânea paranaense, por onde adentraram os primeiros europeus, bem como na Vila de Castro, no Caminho das Tropas. Verificando-se, hoje, uma grande preocupação por parte dos profissionais da linguagem na reconstrução do português do Brasil, acredita-se que este Projeto possa facilitar o acesso aos novos pesquisadores interessados neste ramo dos estudos filológicos e lingüísticos.

HUMBOLDT E O RELATIVISMO LINGÜÍSTICO

Rodrigo Tadeu Gonçalves (UFPR)

O relativismo lingüístico, mais comumente conhecido como hipótese Sapir-Whorf, pode ser definido em termos genéricos como a hipótese segundo a qual a cultura, através da língua, molda a maneira como pensamos. Em outras palavras, a língua que adquirimos durante o período de aquisição de linguagem é responsável por moldar a nossa estrutura de pensamento. Tal hipótese tem sido transmitida e discutida de várias formas na literatura lingüística, sendo geralmente atribuída a Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, que a teriam desenvolvido durante a primeira metade do século XX. Nesta apresentação identificaremos parte das origens da hipótese do relativismo lingüístico nas obras do alemão Wilhelm von Humboldt (1767-1835). Através do exame da introdução à sua gramática do Kawi, é possível encontrar trechos nos quais a discussão sobre mente, linguagem e cultura nos leva a identificar parte da origem do conceito de relativismo lingüístico em suas obras. Segundo visões contemporâneas, como a de Gumperz & Levinson (1996, *Rethinking Linguistic Relativity*) e Harris & Taylor (1989, *Landmarks in Linguistic Thought*), Humboldt é entendido como um dos principais responsáveis pela noção de relativismo lingüístico. No contexto atual da história da lingüística, especialmente no Brasil, que ainda não credita a Humboldt todo o valor que talvez mereça pelo ineditismo de suas idéias já no século XIX, parece-nos sem dúvidas muito importante dispensar alguma atenção a suas obras e idéias.

OBJETIVIDADE E SUBJETIVIDADE NA HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA

Marly de Souza Almeida (PUC-SP)

Todo direito possui seu avesso. Regras existem para serem seguidas somente enquanto correspondem às necessidades do mesmo grupo social que as gerou. Teorias são subjetivas, apesar de serem criadas com um propósito definido. A ubíqua linguagem humana chega quase a ser volátil, ainda que concretizada por símbolos, convenções; têm, estes, prazos de validade restritos ao tempo, ao espaço e às condições de produção. São versatilidades tanto quanto versátil pode ser o homem. Que riqueza reside na língua capaz de criar, construir e negar tudo - até as suas pr'prias convenções! Ousar despertá-la é tirá-la de seu repouso - vespeiro adormecido - é correr riscos que valem a pena pelo simples prazer de despertamos com ela. Risco que ora corremos ao aproximarmos pessoas, teorias, séculos e história nessa comunicação.

SUBSÍDIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO GUIA CURRICULAR DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O 1º GRAU (1979) - UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO

Patricia Silvestre Leite di Iorio

As grandes mudanças científicas, culturais, sociais e o avanço das teorias lingüísticas desde o início do século XX; mas, principalmente, após a sua segunda metade foram também responsá-

veis pelas tentativas de transformação da educação paulista. É neste contexto que o documento Subsídios para a implementação do Guia Curricular de Língua Portuguesa para o 1º grau foi elaborado e divulgado em toda a rede pública de São Paulo. Valendo-nos de uma metodologia que se apóia em princípios fundamentais da Historiografia Lingüística este trabalho visa a reconstrução e análise do momento histórico-político-educacional-lingüístico de sua produção.